

Alcobaça» (A.R. PINTO DA SILVA & B. RAINHA, Agron. Lusit. 24: 159-203, 1964) – esta espécie é explicitamente referenciada como provável subespontânea. Confirma-se agora a natureza indígena de duas populações transmontanãs de *B. ramosus*, cujos indivíduos vegetavam na margem ou no interior de amieiros ripícolas (*Populetalia*, *Osmundo-Alnion*) densos e sombrios, desenvolvidos sobre solos derivados de rochas básicas com elevados teores em matéria orgânica. S. RIVAS-MARTÍNEZ *et al.* (Itinera Geobot. 15, 2002) consideram o *B. ramosus* como uma característica de *Fagetalia sylvaticae*.

ESPÉCIMES: TM: Bragança, Carracedo, Chã-Touro, margem de linha de água, 900 m.s.m., 29TPG7728, 1998/07/08, C. Aguiar 4347 (Herb. Esc. Sup. Agr. Bragança 4898); TM, Vinhais, Tuizelo, Peleias, junto ao moinho, amial, 630 m.s.m., 29TPG6136, 1998/06/09, C. Aguiar 4363 (Herb. Esc. Sup. Agr. Bragança 4907).

Carlos Aguiar

#### 4. *Viburnum opulus* L. - um novo arbusto indígena da flora indígena de Portugal

Desde há muito que são conhecidas populações assilvestradas de *V. opulus* em diversos pontos de Portugal (e.g. Serra de Sintra, J. CAPELO, com. pessoal). Propomos a aceitação como indígenas das populações descobertas na última década na falda norte da Serra de Nogueira e no Parque Natural de Montesinho por três ordens de razões: estão referenciadas populações indígenas de *V. opulus* nas vizinhas províncias de Leão e Zamora (A. PENAS, com. pessoal); todas as populações identificadas situam-se em áreas de muito difícil acesso; o *V. opulus* é cultivado com pouca frequência no NE de Portugal e muito menos na

proximidade das localidades mais adiante citadas. Assim sendo, o *V. opulus* deverá ser considerada um apófito e, conseqüentemente, como uma espécie nova para a flora indígena de Portugal.

Este arbusto foi colectado ou observado em bosques ripícolas, sobre diversos tipos de substratos. Consideramo-lo uma característica territorial de *Populetalia albae* (*Salici purpureae*-*Populetea nigrae*).

ESPÉCIMES: TM: Bragança, Carracedo, Alimonde, imediatamente a montante da ponte sobre a rib.<sup>a</sup> de Alimonde, bosque ripícola, ca. 650 m.s.m., 29TPG7429, 1992/09/30, C. Aguiar 1580 (Herb. Esc. Sup. Agr. Bragança 1952); Vinhais, Pinheiro Novo, junto ao primeiro moinho a jusante da aldeia, bosque ripícola, ca. 800 m.s.m., 29TPG5347, 1991/06/27, C. Aguiar 930 (Herb. Esc. Sup. Agr. Bragança 1269).

Carlos Aguiar & Ana Carvalho

#### 5. *Leontodon carpetanus* Lange - uma composta nova para a flora de Portugal

Embora seja frequente no Planalto da Serra de Montesinho não encontramos nenhuma referência à presença de *Leontodon carpetanus* em Portugal, que deste modo supomos tratar-se de uma espécie nova para a flora de Portugal.

Identificamos o *L. carpetanus* em lameiros húmidos (*Arrhenatherion*, *Arrhenatheretalia*, *Molinio-Arrhenatheretea*) e cervunais (*Campanulo-Nardion*, *Nardetalia*, *Nardetea*) supramediterrânicos superiores, no planalto da Serra de Montesinho. O material colectado possui um indumento e dimensões foliares muito variáveis à semelhança, porém, de várias outras espécies de *Leontodon*, tanto continentais como açoreanas.

ESPÉCIMES: TM: Bragança, Aveleda,

Varge, junto ao estradão das Rachas, lameiro, ca. 700 m.s.m., 1993/05/20, C. Aguiar 1940 (Herb. Esc. Sup. Agr. Bragança 4353); Bragança, França, Montesinho, barragem de Serra Serrada, lameiro, ca. 1250 m.s.m., 29TPG8548, 1997/10/10, C. Aguiar 3934 (Herb. Esc. Sup. Agr. Bragança 4593); Bragança, França, Montesinho, Lama Grande, lameiro, granito, ca. 1350 m.s.m., 29TPG8350, 1992/05/23, C. Aguiar 1353 (Herb. Esc. Sup. Agr. Bragança 1827); Bragança, França, Montesinho, Lama Grande, granito, 1350 m.s.m., 29TPG8350, 1992/06/13, C. Aguiar 1436 (Herb. Esc. Sup. Agr. Bragança 1896).

Carlos Aguiar

#### 6. *Carex sylvatica* Huds. - um cárice novo para a flora de Portugal

Encontramos este *Carex* em bosques higrófilos sobre rochas ultrabásicas, na falda Norte da Serra da Nogueira. O facto de não estar citado nas revisões ibéricas e lusitanas mais modernas do género (M. LUCENO, Ruizia 14, 1994; J. do A. FRANCO & M.L. ROCHA AFONSO, Nova Flora de Portugal, vol. III(3), 2003) e de não termos encontrado qualquer exemplar de herbário, ou referências bibliográficas relativa à sua presença em Portugal, obriga-nos a concluir que se trata de uma nova espécie para Portugal. Também no concelho de Bragança foi recentemente localizada uma outra espécie nova de *Carex* - o *C. pallescens* L. (C. AGUIAR & A. CARVALHO, Ann. Soc. Brot. 60: 1-11, 1994).

À semelhança do que acontece com o *Bromus ramosus* (vd. nota neste volume), o *C. sylvatica* é uma característica de *Fagetalia sylvaticae* que no limite da sua área de distribuição surge deslocada em amiais ripícolas de *Osmundo-Alnion* (*Populetales*, *Salici purpureae*-*Populetea*

*nigrae*).

ESPÉCIMES: TM: Bragança, Carrazedo, Alimonde, orla sombria de um lameiro, rochas ultrabásicas, 760 m.s.m., 29TPG7430, 1998/05/22, C. Aguiar 4106 (Herb. Esc. Sup. Agr. Bragança 5325).

Carlos Aguiar

#### 7. *Nepeta coerulea* Aiton subsp. *sanabrensis* (Losa) UBERA & Valdés - uma labiada nova para a flora de Portugal

A *Nepeta coerulea* subsp. *sanabrensis* é uma subespécie nova para Portugal cujo tipo nomenclatural [basição. *N. sanabrensis* Losa, Contribución al Estudio de la Flora y Vegetación de la Provincia de Zamora, Inst. A.J. Cavanilles: 117] provém da vizinha região de Puebla de Sanabria. Além da Serra de Nogueira e da localidade clássica, estão publicadas na bibliografia apenas mais duas localidades para esta espécie por F. NAVARRO *et al.* (Stud. Bot. 10: 17-24, 1992), ambas localizadas não muito longe da Serra de Nogueira, na província espanhola de Zamora.

Dacordo com os revisores ibéricos do género (J.L. UBERA & B. VALDÉS, Lagasalia 12: 3-80, 1983) as plantas lusitanas tradicionalmente interpretadas como *N. latifolia* DC. (vd. J. do A. FRANCO, Nova Flora de Portugal, vol. II: 164, 1984) devem ser denominadas por *Nepeta coerulea* subsp. *coerulea*, estando reservado aquele epíteto para plantas não lusitanas. A subsp. *sanabrensis* caracteriza-se por possuir um cálice com 8 a 9 mm e segmentos de 3 a 4 mm, enquanto que na subespécie tipo estas dimensões são substancialmente menores (cálice até 7mm, com segmentos de 1,5 a 3mm) (cf. UBERA & VALDÉS, op. cit.).

Ambas as subespécies habitam orlas de bosques caducifólios mesófilos de